

# Kid Neb

As vezes gosto de evitar pensamentos como: “o que eu tenho que fazer hoje?”. São pensamentos que me fazem invernar num labirinto de tempo perdido e futuro curto e indeterminado que me conduzem a acreditar que não há solução para os problemas da humanidade. Não sei se um ser como eu é capaz de enumerar todos os problemas da humanidade. Talvez eu não seja capaz de enumerar todos os meus. Apesar disso me parece um fato que os problemas existem. Os meus e os da humanidade, e olhando daqui não parece que algo possa ser feito para resolvê-los. Nesse momento estar vivo parece um fardo que não vale a pena carregar. Talvez seja a hora de acreditar num Deus todo poderoso que vai me redimir dos meus pecados e abrir as portas do paraíso para mais uma alma vítima das futilidades da vida terrena. Chegou a hora da grande revelação Senhor. Estou pronto para recebê-la jogado num colchão da grossura do meu punho seco e cansado de esmurrar ponta de faca. Minha vida só poderia ser pior se eu tivesse usando um terno e uma aliança no dedo. Mas isso não é consolo, se parece mais com uma desculpa para um romance barato.

O café requentado de ontem ainda serve para liberar meu intestino do peso das minhas merdas que ele carrega. Toda vez que sento na privada para cagar sinto que ainda resta em mim um fio de dignidade pela qual vale a pena lutar, mesmo que ele pareça jorrar pela minha bunda como as cachoeiras do Niágara. Não sou muito diferente de um burro no que diz respeito às posses e aos direitos, se é que é possível que um burro tenha posses e direitos. Mas ao menos não saio por aí na rua cagando com o cu frouxo como se nem estivesse percebendo a bosta se espatifar no chão. Eu sinto tanto ela sair que às vezes preciso colocar uma parte para dentro de volta. É toda dignidade que consegui preservar depois de todos esses anos. E mesmo assim ela dói como um parto, mesmo que eu nunca

vá saber como um parto dói.

Depois de olhar, minuciosamente, cada grão de poeira que repousa calmamente por toda parte da casa, de pensar profundamente sobre todo conhecimento que ele carrega sobre o mundo, por todos os lugares que passou, coisas que viu e experiências pela qual passou, conclui que o melhor que poderia fazer para atenuar esse sentimento de perda permanente que preenche o meu vazio era ir para o Bar do Jaime. A forma como eu andava, as roupas que usava, a cara amassada, os gestos compulsivos, tudo me denunciava como um ser humano esquecido por Deus e mau dito pela sociedade. “Você esta fedendo.” “O cheiro não é meu, é do bar.” Se aquele velho safado não tivesse o controle das garrafas que ficam atrás do balcão poderia até ser que fôssemos iguais. Coloquei meu chapéu de lado no balcão e mostrei uma nota de vinte para poder ser identificado como uma cidadão com direito a beber qualquer coisa que eu quisesse beber. Sem demonstrar nenhum tipo de gratidão o Jaime colocou um copo de conhaque e uma cerveja na frente. “Não tem troco.” “Eu pego o resto em líquido.” Ele ficou me olhando como quem deseja profundamente que outro alguém desaparecesse numa passe de mágica, mas não foi o suficiente para evocar alguma entidade capaz de me fazer sumir. Talvez Deus e o Diabo também não dessem a mínima para ele. Agora sim parecíamos iguais.

Barulhos de pneu derrapando e tiros começaram a invadir todo lugar com o cheiro de pólvora, gasolina e borracha queimada. O Jaime deu três passos para o trás e ficou com o sossega malandro ao alcance das mãos. O silêncio se instalou pelo bar e os olhares se voltaram para a porta. Um covarde entrou no banheiro para fugir pelos fundos. Continuei olhando para baixo na esperança de que nada que pudesse abalar minha vida miserável passasse por aquela porta. Três caras usando casacões de couro e chapéus com as pontas amassadas entraram no bar rindo como se alguém tivesse contado a piada mais hilária do século. O Jaime veio andando a passos curtos na direção do balcão usando o sossega malandro para se escorar, mas de um jeito que deixasse bem claro que ele tinha culhões. “Pode ficar tranquilo velho, só nos de três doses de alguma coisa quente.” Sem desfazer a

cara de carrancudo ou pronunciar uma palavra o Jaime colocou os copos em cima do balcão. “Então velho, onde ficam as mulheres dessa cidade?” “Ei, Clint, nessa cidade só tem gambas .as mulheres tem pelos nas tetas ” (risos) “Aqui é só um bar, acho que o que vocês procuram fica a leste na estrada.” Não havia o menor sinal de tranquilidade nas palavras do Jaime.

Também não havia o menor sinal de que os três fossem pegar a estrada para o leste. Tirei o copo do balcão em direção a minha boca, ávida por se manter fechada, quando o dito Clint amassou o que restava do meu chapéu com um soco. “Ei fedorento, sua mulher tem pelos nas tetas? Ow, você não tem uma mulher...” (risos) Não deviam mexer no chapéu de um homem. É como se toda aquela dignidade que eu coloquei de volta para dentro de manhã subisse como um raio direto para a cabeça. Saquei a 22 escondida no meu bolso e acertei a cara do bastardo. O Jaime pulou do balcão e começou a marretar a cabeça de um dos escroques com o sossega malandro, enquanto eu avancei na direção do segundo com uma joelhada no seu saco e uma série de coronhadas na sua cabeça. Ele caiu no chão se retorcendo. Era o único dos três que ainda se mexia, então dei o tiro de misericórdia. Senti que minha dignidade estava escorrendo pelas minhas pernas na forma de um líquido quente e viscoso. Peguei meu chapéu e voltei para casa em passos curtos.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/kid-neb>